

## ÁGUA E SOMBRA COMO MATERIALIDADES AUSENTES NA CONFORMAÇÃO DE SÍTIOS CAMPONESES DO SERTÃO SEMIÁRIDO

*WATER AND SHADE AS ABSENT MATERIALITIES SHAPING PEASANT HOUSEHOLDS IN THE BRAZILIAN SEMI-ARID SERTÃO*

**Rafael de Abreu e Souza**

*rafaelabreusouza@gmail.com*

Doutor em Ambiente e Sociedade pelo Núcleo de Pesquisas e Estudos Ambientais, Universidade Estadual de Campinas.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1963-5394>



Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.

### RESUMO

O texto analisa o sítio camponês no semiárido a partir de uma escala regional diacrônica dando foco à importância da água e da sombra na organização socioespacial da unidade doméstica. Ressaltam-se os modos particulares de interação com o ambiente da caatinga em casas situadas entre o Ceará, Pernambuco e Piauí. Parte-se de reflexões arqueológicas em torno da materialidade da ausência para entender as relações humano/não humano estabelecidas pela ausência presente da água e pela presença ausente da sombra na, ao redor e a partir da casa. O binômio sombra-árvore no interior do terreiro é entendido como estruturante de novos espaços e experiências dialogais a práticas de sociabilidade. Já a ausência da água estabelece um sistema de objetos que ultrapassa a casa e é fundamental na construção da paisagem e em seu uso comum. As relações estabelecidas com a falta da água e as áreas de sombra são parte das dinâmicas materiais que constroem essas unidades domésticas como lugares significativos nos quais práticas locais foram mantidas ao longo do século XX, mas permissivas da integração de novas tecnologias e materiais aos saberes tradicionais e ao modo de vida regional.

Palavras-chave: sítio camponês; sombra; falta de água; materialidades ausentes; semiárido.

### ABSTRACT

This paper focuses on peasant households in the Brazilian semiarid Sertão, highlighting the importance of the water and the shade to the socio-spatial organization of domestic units in their engagement with the *caatinga* environment. We use a regional and diachronic approach when

looking into sites among the Ceará, Pernambuco, and Piauí states. We discuss possibilities for absent materiality on the understanding of human-non-human relations, underlining the absence of water and shade, around and from the house. The shadow-tree binomial inside the home garden is understood as structuring new spaces related to experiences and practices of sociability. The absence of water establishes a system of objects surpassing the limits of the household while it is fundamental to the construction of the landscape. The connections established between the lack of water and the presence of shaded areas materialize these domestic units as significant places in which local practices were maintained throughout the 20th century, however integrating new technologies and materials to traditional knowledge and the regional lifestyle.

Keywords: peasant farm; shade; lack of water; absent materiality; semiarid.

## INTRODUÇÃO

Este texto dá atenção a dois aspectos pouco abordados na conformação dos sítios camponeses no semiárido sertanejo do Nordeste do Brasil: a água e a sombra. A abordagem é arqueológica e, portanto, foca em suas materialidades. Materialidades estas ambíguas e paradoxais, pondo em xeque a concretude, a tangibilidade e a solidez dominante nos estudos de cultura material. Intangíveis, fluidas, invisíveis ou líquidas, água e sombra são entendidas como materialidades ausentes cuja presença é fundamental na composição e ordenação do espaço doméstico e, assim, de práticas e experiências nas casas de barro do sertão.

Recorre-se aos estudos de antropologia rural em seus entendimentos sobre o sítio camponês como um “sistema de espaços diversificados, complementares e articulados entre si”, cujas lógicas pautam-se por táticas e saberes que possibilitam a reprodução camponesa em contexto regional, como definiu Ellen Woortmann (1983). Estas táticas e estes saberes complexos têm na casa o marco referencial da ordenação espacial do sítio (WOORTMANN, 1983; WOORTMANN; WOORTMANN, 1997) incorporando, expressando e revelando princípios e percepções morais da relação entre camponês e terra (WOORTMANN, 2009).

A arguição parte da arqueologia do passado contemporâneo em sua crítica à dimensão material da modernidade e da supermodernidade tanto na inexorabilidade das lógicas urbano-industriais e capitalistas sob populações rurais como no excesso material que engendram, como entende Alfredo Gonzalez-Ruibal (2014). O excesso de luz e luminosidade e a ilusão de futuros com excesso de recursos para suportar uma alegada escassez de água marcam entendimentos modernos demasiado economicistas e urbano-industriais contrários ao semiárido (ZHOURI; OLIVEIRA; LASCHEFSKI, 2011; O'NEILL; BOYER, 2020). Esses entendimentos opõem-se tanto aos conhecimentos locais da construção

socioecológica de paisagens secas como às lógicas que materializam os modos de viver dos “camponeses do sertão” (GODÓI, 1999).

Neste sentido, mergulha-se no estudo de presenças ausentes, como no caso da água, e de ausências presentes, como no caso da sombra, cujas materialidade estão para além de sua origem humana e que imbricam relações humanos/não humanos na construção de lugares que agregam coisas, narrativas e ambientes (ZEDENÑO, 2008). Recorre-se à materialidade da sombra e da água para transcender a ideia de objeto-artefato, incluindo apropriações, transformações e simbolizações das coisas e do meio (CRIADO-BOADO, 1997; INGOLD, 2012). Assim, o texto apoia-se nos estudos de cultura material encabeçados por Daniel Miller (2005) em sua sugestão de recorrer-se ao termo materialidade para dar conta tanto do sentido concreto das diversas possibilidades do real (caso da água), como das experiências reais que na verdade existem no imaterial (caso da sombra).

É premissa constitutiva deste artigo que a organização espacial da unidade doméstica do sítio camponês materializa a relação dos moradores entre si e com o ambiente no qual vivem. Propõe-se, assim, investigar as afinidades entre o campesinato e a caatinga concomitante a táticas de criação, manejo e transformação da paisagem e, assim, a questões relativas a populações tidas como marginais e que coabitam ambientes com condições estressantes específicas (BARKER; GILBERTSON, 2000; ALIER, 2011).

A fim de pensar materialidades ausentes, toma-se inspiração em uma arqueologia que parta da sombra e da água para pensar o impenhado, como sugere Merleau-Ponty (1989). No que concerne à sombra, siga a perspectiva de Roberto Casati (2001) na busca por seu sentido positivo, ativo e uso consciente para além de sua associação ao perigo, ao engano, ao inferior e à tristeza. Critica-se a má reputação que a sombra ganhou na modernidade, quando a luz passou a ser sinônimo do bem e do progresso na toada dos excessos materiais e da superabundância de luminosidade que marcaram a lógica moderna urbano-industrial no século XX, incondizente com o papel estruturante da sombra no semiárido.

No caso da água, são tomadas as sugestões de Veronica Strang (2006), que ressalta seu papel na articulação de padrões de organização socioespacial no âmbito de modos particulares de interação com o ambiente. Nesse caso, tais modos são marcados por experiências e percepções em torno de sua ausência e coincidente presença de seca. Recorre-se, para isso, aos debates em torno da dimensão material do manejo aquático, considerando a imprescindibilidade da água no semiárido (SCHAAN; SILVA, 2004; CIVANTOS, 2009).

Para explorar a temática, parte-se de escavações de unidades domésticas localizadas nas áreas semiáridas dos sertões dos estados do Pernambuco, Ceará e Piauí, coadunadas com dados obtidos

de observações realizadas durante o período de pesquisa, xilogravuras, músicas e cordéis. Inicia-se o artigo com a descrição das casas analisadas e dos elementos que as tornam nucleares ao padrão espacial do sítio camponês. Segue-se posicionando-se a abordagem teórico-metodológica em torno de materialidades ausentes. Aborda-se, então, o papel da sombra da árvore, que recorre no centro do terreiro, na ordenação do espaço doméstico em relação a experiências, práticas e narrativas, e da falta da água ou presença de seca na materialização de sistemas hidráulicos que agrupam coisas mantidas juntas, próximas e dentro da unidade doméstica, transbordando os limites da casa e incluindo outros sítios em seu uso comum, no escopo de um ambiente com secas sazonais e irregularidade pluvial.

## O SÍTIO CAMPONÊS

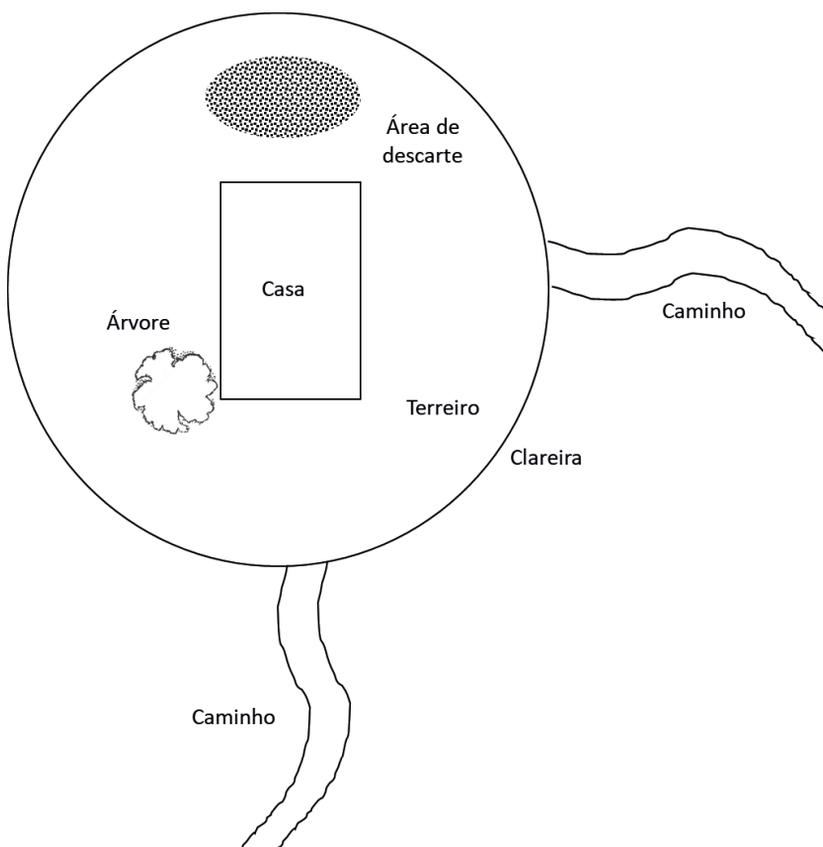
Os dados deste texto partem de trabalho de campo realizado entre 2009 e 2010 nas áreas rurais do semiárido entre os estados do Piauí, Pernambuco e Ceará, onde foram escavadas unidades domésticas camponesas (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2014). De 117 unidades, uma amostra de 77 contextos datáveis (20 no Piauí, 22 no Pernambuco e 35 no Ceará<sup>1</sup>) por meio de cronologias históricas relativas (ADAMS, 2001; SNEDDON, 2006), que as situou entre 1830 e 2008, foi selecionada para análises de padrões de conteúdo das áreas de descarte (MAJEWSKI; O'BRIEN, 1987). O objetivo foi abordar, diacronicamente, mudanças e permanências na organização espacial da paisagem doméstica, bem como na mobilidade e nas práticas de consumo de grupos camponeses das áreas rurais do sertão ao longo do século XX e início do XXI.

Essas unidades domésticas e suas casas de barro foram entendidas como ponto de partida do que Ellen Woortmann (1983) denominou de sítio camponês, um conjunto de partes articuladas, contíguas ou não, que é também uma unidade produtiva, e cujos elementos materiais distribuem-se espacialmente a partir da casa como seu núcleo. O sítio camponês materializa os modos através dos quais identidades sociais se manifestam na forma espacial (HECKENBERGER, 2011), configurando lógicas que correspondem a espaços simultaneamente físicos e sociais (WOORTMANN, 1995).

A análise da distribuição dos elementos que ordenam essa morada sobreposta às cronologias obtidas dos artefatos indica sua considerável manutenção ao longo do tempo e do espaço. Essas unidades domésticas eram recorrentemente compostas por uma estrutura principal (as casas de arquitetura de barro – taipa de pau a pique), um terreiro (um espaço que tem seu epicentro na casa, delimitado por plantações ou pela própria vegetação de caatinga – que conforma clareiras varridas constantemente), caminhos (em número variável que se iniciam/terminam na clareira), algumas árvores (que quando presentes situavam-

-se próximas da casa e únicas no interior do terreiro) e uma pequena área de descarte de lixo doméstico (porção do terreno escolhida para lançamento dos resíduos cotidianos, maciçamente em superfície) situada aos fundos da casa (e com menor frequência na lateral), cuja extensão variou entre 25 e 100m<sup>2</sup>.

Figura 1 - Ordenação básica das unidades domésticas estudadas (sem escala)



Fonte: Imagem do autor

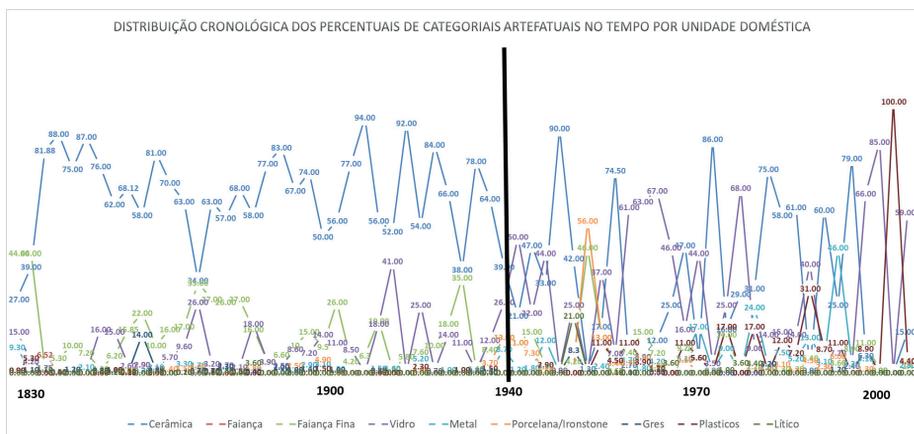
Situadas aos fundos e, assim, longe dos olhares de vizinhos e visitantes, as áreas de descarte derivam de relações específicas dessas pessoas com seus rejeitos e de concepções de natureza como sumidouros (REDCLIFT, 2000). O uso de áreas de descarte na superfície do interior do terreiro, as práticas de varrer, o pisotear constante do terreiro e a seleção de determinadas plantas para estarem ao redor ou dentro do terreiro configuraram apropriações do ambiente da caatinga à esfera humana (BEAUDRY, 2004). Isso torna esse espaço doméstico um contínuo socioecológico construído pela presença humana ao mesmo tempo em que só existe a partir da vegetação que o materializa e delimita.

Ao sintetizar os dados dos descartes, foi possível notar que recipientes cerâmicos de produção local/regional dominam o dia a dia dessas pessoas, com frequência que varia, ao longo do tempo, entre 80 e 30% do total de coisas encontradas na casa. A cerâmica, ou *loija* de barro,

faz parte do sistema interno de abastecimento local e regional no semiárido, produzida por oleiras em pequenos fornos domésticos e fruto de um saber-fazer intergeracional que tem se reinventado (AMARAL, 2020). Com exceção das louças brancas (44 a 1%), demais materiais têm expressão bastante ínfima nesse cotidiano (plásticos e borrachas:  $\leq 31\%$ ; vidro:  $\leq 26\%$ , metal:  $\leq 12\%$ ).

A variabilidade morfológica e o número de recipientes cerâmicos tendem a diminuir ao longo do século XX, com gradativa predominância de grandes recipientes destinados ao armazenamento. Esta presença é, todavia, a que maior oscilação apresenta, sugerindo que o modo de fazer a ela associado, ligado ao sistema local de abastecer-se, sofre grande alteração com a chegada de novos bens e, com eles, novas lógicas, a partir dos anos de 1940 (Gráfico 1). Ao mesmo tempo, sugere a manutenção da lógica de munir-se de provisões, contrária aos argumentos focados na subsistência camponesa (SAHLINS, 1970; GODÓI, 1999). Demais categorias materiais, como as louças brancas em faiança fina (com alta expressão de pratos), os vidros e os polímeros sintéticos (objetos em plásticos e borrachas) representam, ainda hoje, pouco desse cotidiano.

Gráfico 1 - Distribuição cronológica dos percentuais de categorias artefatuais no tempo por unidade doméstica



Fonte: Gráfico do autor

A manutenção das relações espaciais e do ordenamento do conjunto casa de barro, clareira, terreiro, caminhos, árvore e área de descarte caracteriza uma paisagem regional de permanência de práticas fundamentais a reprodução social. Similaridades na relação humanos/não humanos foram assim perpetuadas, de forma que a maneira de descartar os resíduos manteve-se ao longo de todo o século XX, associada a uma ordenação específica e ao uso do barro como fonte primordial para construção da casa. Esta permanência corre paralela às mudanças no conteúdo das áreas de descarte e, portanto, nas formas de consumir e conviver com algumas coisas, dialógicas à reelaboração de práticas locais permissivas da integração de novas tecnologias e materiais ao saber tradicional e ao modo de vida regional.

Essas unidades domésticas, portanto, carregam princípios espaciais básicos (HECKENBERGER, 2011) que conformam a lógica do lugar, identificáveis na espacialização dos elementos que o compõem – o conjunto casa, terreiro e áreas manejadas no entorno imediato, juntamente com as coisas do cotidiano –, imbuindo esse espaço de grande carga simbólica e transformando-o em um “lugar significativo” (ZEDEÑO; BOWSER, 2009; ANSCHUETZ; WILSHUSEN; SHEICK, 2001). O lugar do morar no sertão é repositório de sequências de ações que, por tempo e repetição, tornaram-se parte da tradição das pessoas (GODÓI, 1999; BEAUDRY, 2004; MARTINS; MENASCHE, 2011): o fazer a casa de barro, o varrer das clareiras, a seleção de espécies vegetais que entram ou não nos terreiros.

O quintal do terreiro e a vegetação que o preenche circunda e baliza partes da identidade visual da casa, expande visões utilitaristas da flora como recurso ou associada exclusivamente à farmacopeia popular (BERLIN, 1990; ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002; TROTTA; MESSIAS; PIRES; HAYASHIDA; CAMARGO; FUTEMMA, 2012). Os terreiros e, portanto, os quintais são construções socioecológicas delimitadas e cultivadas, produtos únicos das artes de construir combinando materiais com plantas vivas e animais, projetos em constante mutação que criam a fronteira entre o fora e o dentro (GLEASON, 1994). A literatura sobre quintais os encara como parte de sistemas agroflorestais que reservam espécies de árvores, arbustos e ervas dentro de um limite residencial e sob manejo e trabalho familiar, podendo apresentar, em seu interior, pomares, jardins, hortas e criações de animais domésticos, além de serem áreas de lazer, produção e convívio social (VOGL; VOGL-LIKASSER; PURI, 2004; SEMEDO; BARBOSA, 2007; MARTINS; MENASCHE, 2011).

Adentrar no terreiro da casa é estar próximo, mas não dentro, do convívio efetivamente privado da família. É no terreiro que ocorrem diversas atividades diárias e de socialização, e onde pessoas, plantas, animais e elementos abióticos são convidados a participar da esfera particular. Fica claro que certas plantas ganham autorização para estar no mundo da cultura. Elas partilham, e mesmo incentivam, socializações e outras atividades que acontecem no terreiro: algarobas, cajaranas, mandacarus e umbuzeiros foram algumas das mais correntes (Tabela 1). Uma dessas apropriações tem relação direta com as áreas de sombra que geram.

Tabela 1 - Plantas de fora e de dentro dos terreiros

Nome comum	Nome científico	Família	Origem (provável)
<b>Plantas de dentro do terreiro</b>			
Algaroba, agaroba	<i>Prosopis juliflora (Sw)DC.</i>	<i>Mimosaceae</i>	Peru
Cajarana	<i>Spondias sp.</i>	<i>Anacardiaceae</i>	Brasil
Mandacaru	<i>Cereus jamacaru</i>	<i>Cactaceae</i>	Brasil
Umbu, umbuzeiro, imbuzeiro	<i>Spondias tuberosa</i>	<i>Anacardiaceae</i>	Brasil
Juazeiro, juá	<i>Zizyphus joazeiro</i>	<i>Rhamnaceae</i>	Brasil
<b>Plantas de fora do terreiro</b>			
Marmeleiro	<i>Croton sonderianus</i>	<i>Euphorbiaceae</i>	Brasil
Favela, faveleira	<i>Cnidocolus phyllacanthus</i>	<i>Euphorbiaceae</i>	Brasil
Cansação	<i>Cnidocolus urens</i>	<i>Euphorbiaceae</i>	Brasil
Jurema	Espécies de leguminosas dos gêneros <i>Mimosa</i> , <i>Acaciae</i> <i>Mimosaceae</i> e <i>Pithecelobium</i>	<i>Mimosaceae</i>	Brasil

Drenagens intermitentes e que quando secas fazem as vezes de caminhos, cercas de galhos trançados nos mais diversos padrões, fornos escavados no solo de formato retangular para produção de carvão vegetal, práticas materializadas no aprovisionamento e condução da água em relação à presença da seca, igualmente recorrem na região. Drenagens, cercas, fornos e caminhos conformam a paisagem do sítio camponês, escapando dos limites da unidade doméstica e preenchendo os espaços entre casas e entre sítios.

## MATERIALIDADES AUSENTES

A ausência tem recentemente ganhado atenção da arqueologia, seja na cultura material que a produz, seja em sua própria materialidade e seus efeitos sobre pessoas, práticas e narrativas (MEYER, 2017). Arqueólogos e arqueólogas têm olhado para como a materialidade da ausência influencia a experiência de pessoas no mundo material, entendendo seus efeitos como ocorrências e como presenças (BILLIE; HASTRUP; SOERENSEN, 2010). Materializar a ausência é o ato arqueológico de presentificar e dar importância ao que aparentemente não está, revelando o esquecido, o ocultado, o invisível e o apagado (BUCHLI; LUCAS, 2001). Esse olhar para ausências tem reverberado em especial nas arqueologias interessadas em investigar a materialidade de traumas, memórias, destruições e decadências (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2008).

Nos anos 1980, Henri Lefebvre (1983) chamou atenção às ausências nas presenças, entendendo que formas sem conteúdos e conteúdo sem formas produzem ocos e, assim, ausências. Apesar da arqueologia sempre ter lidado com inferências a partir de ausências na interpretação de contextos materiais, dando à ausência um status tangível (WALLACH, 2019), foi apenas a partir dos anos 2000 que a compreen-

são de Lefebvre foi expandida para abarcar jogos de ausências presentes e de presenças ausentes.

O vazio passou a ser entendido como tão importante quanto o preenchido, com suas materialidades abordadas em arqueologias do nada (OWEN, 2015), do cheiro (PRICE, 2018) e de experiências sensoriais diversas (PELLINI, 2015). Olhar para o que não está, para o que não se pode ver ou tocar passou a ser debatido no escopo de materialidades ambíguas e paradoxais, como detalha Mikkel Billie (2010, p. 179), ao pensar a ausência como uma “coisa imaterial” ou “mais que imaterial e menos que material”. À ausência atribuiu-se um caráter também performático que leva à ação e tem consequências materiais, algo com o qual nos engajamos e pelo qual agimos (FOWLES, 2010; MEYERS, 2017).

No entanto, a maior parte dos estudos sobre arqueologia da ausência dá foco a presenças que se tornam ausências, ou seja, às presenças ausentes de prédios arruinados (PÉTURSDÓTTIR, 2013), corpos ocultados (MAZZ, 2015), pessoas desaparecidas (DOMANSKA, 2006), desastres (BAGWELL, 2009) e destruições socioambientais (GONZÁLEZ-RUIBAL; HERNANDO, 2010) em suas rupturas, significações e irreversibilidades. Pouco foi feito em torno de ausências presentes, ou seja, das materialidades que coexistem conosco aquém da solidez, em seu potencial na organização do espaço pelos dinamismos desencadeados de modo persistente a partir das lacunas que são (GIOVANNONI; QUATTRONE, 2012).

A sombra, uma ausência presente, foi frequentemente arquétipo do mal, da negação, ou usada enquanto metáfora ao que não se pode ver de modo claro, às verdades escondidas na penumbra e no escuro, as quais é necessário iluminar (SOUSA, 2017). A água, por sua vez uma presença ausente, associada às secas cujas consequências são agravadas por políticas hídricas desiguais, foi igualmente pouco pensada pela arqueologia em sua materialidade. Ela já foi entendida como recurso tanto no evolucionismo cultural (CHILDE, 1936), como em estudos sobre tecnologias hídricas (BARCELÓ, 1989) e como pano de fundo no campo subaquático (RAMBELLI, 2004). Mais recentemente, a água tem se tornado agente no âmbito das pesquisas sobre manejo (SCHAAAN, 2008; FULLER; QIN, 2009) com papel ativo no seio das relações sociais (EDGEWORTH, 2011; SILVA, 2018).

Mas sombra e água têm também imprescindível papel na construção espacial das unidades domésticas dos sítios dos camponeses do sertão, necessárias à vida, à produção, à lavoura e à pecuária em ambientes semiáridos com vegetação de caatinga e rios intermitentes. A ausência da água dialoga com sua almejada presença e com a presença da seca, aproximando-se, nesse sentido, tanto de perspectivas sobre ausências acarretadas pela destruição e excessos modernos como de questões socioambientais que criam estressores a partir de processos ecossistêmicos. Já a ausência da sombra, desejada como presença, nos coloca em uma posição mais ambígua.

A sombra é a ausência de luz dependente da interpelação de um corpo físico por um foco luminoso, que surge tanto na superfície desse corpo como projeta-se sobre superfícies adjacentes, como o chão (FUKUSIMA, 1997). Ao mesmo tempo em que ela é ausência, ela se faz sentir presente, em cor, temperatura, contraste, forma. Ela pode ter origem na prática humana, mas independe de nós e deve ser pensada como parte do ambiente e, portanto, do manejo que transforma ambiente em lugar e paisagem, como no caso da sombra das árvores. Por isso, Márcio Seligmann-Silva (2011, p. 135) a definiu como um outro que “acompanha o próprio, mas não é um si mesmo”.

Assim, pensar sombras é pensar ausências junto da presença do intangível cujos efeitos materiais são diversos, considerando experiências reais que são imateriais e o papel do invisível na orientação do espaço e nas relações sociais (COSTA, 2012). Neste âmbito, a ausência da luz é preenchida com sombra, como a ausência de água é preenchida com seca, materializada tanto como uma presença ausente, no sentido de sua imaterialidade e intangibilidade, como uma ausência presente, no sentido da própria falta de luz. A insubstancialidade não diminui seus impactos materiais.

Mas se a ausência da água orienta uma série de materialidades e é local privilegiado a diversas relações materiais (SILVA, 2018) que incluem aprovisionar, manejar, conduzir e estancar, mas também beber, nadar, pescar, quais práticas e materialidades as sombras envolvem? Apesar de ser dificilmente estancada, estocada ou acumulada como a água, seu manejo permite que seja vista (SORENSEN, 2008) e experienciada (ABATH, 2012), podendo ser sentida, delimitada, orientada, espacializada, ganhando cor, forma, tamanho e variabilidade. Projetada no chão do terreiro, a sombra forma uma área, e, portanto, tem dimensão espacial. Ela, então, dialoga com diversas das atividades no sítio camponês dentro da unidade doméstica, em geral com aquelas que não são as do campo aberto.

Quanto à água, sua ausência no semiárido está literalmente relacionada à sua falta, mas também à presença de seca. Sombra e água ganham o formato das coisas que as interceptam, mas a fluidez da água torna seus limites materiais muito mais inconstantes, ganhando a forma do volume que a contém. Sua resistência, força, energia, temperatura e textura fazem com que seja experienciada de modos específicos (EDGEWORTH, 2014) em especial em regiões de seca pela ausência de sensações que envolvam essas suas características. Para Matt Edgeworth (2011), a água é uma força modeladora que conflui elementos naturais e culturais em seu potencial reconstrutivo e revitalizador na paisagem. A ausência da luz e da água são, portanto, elas mesmas materialidades com impacto socioespacial experienciado na conformação do lugar e, portanto, da paisagem.

## A SOMBRA NO SERTÃO

O reconhecimento da importância da sombra para o sítio camponês se dá em diversas relações materiais: para além da relação entre dia e noite ou claro e escuro, tem-se aquela entre a casa, suas janelas, paredes e telhados, entre paredes e alguma árvore, na chegada da luz elétrica e nas possibilidades da instalação de caixas de luz no pau a pique, entre lâmpadas, fios, postes e no uso do fogo, de candeeiros, lampiões e velas. Experiências com luzes e sombras marcam a existência cotidiana da vida na casa e materializam formas de sentir e ver o mundo (LIRA, 2008).

A casa de barro é orientada pelo jogo de sombra e luz, construída em relação às possibilidades de sombra em seu interior, como na relação entre janela e sombra, e por paredes sem abertura de porta ou janela, barreiras sólidas à entrada de luz natural. Mas também em seu exterior, estabelecendo espaços de sociabilidade no terreiro. Atenção é dada, aqui, ao composto sombra-árvore pensando, em especial, nas árvores, por vezes únicas, que recorrem dentro dos terreiros (Figura 3).

O papel da sombra na casa do sítio camponês tem relação com o uso de algumas espécies vegetais, em especial lenhosas, distribuídas e posicionadas de modo consciente no espaço horizontal disponível (o terreiro) (ALBUQUERQUE; ANDRADE; CABALLERO, 2005). Nem toda árvore da caatinga semiárida produz sombra e consegue projetar um espaço escuro e contínuo que abarque humanos e não humanos. Como floresta seca, as caatingas têm em comum a associação de plantas xerófilas, com microfilia e espinhos<sup>2</sup>, caracterizadas por árvores de porte relativamente baixo (até 5m) e arbustos adaptados anatômica e fisiologicamente a grandes períodos secos, sem dossel contínuo<sup>3</sup>, com troncos finos e folhagem decídua<sup>4</sup> (PRADO, 2003; AURINO, 2007).

A indústria da seca e as políticas que olharam para o semiárido como meio a ser combatido (SILVA, 2003) acarretaram importantes rupturas materiais e ontologias de paisagem que muitas vezes se chocaram com os saberes locais de manejo da água, flora, fauna e solo. Árvores perenes, que mantivessem as folhas durante os períodos de estiagem e que estruturassem dosséis capazes de produzir espaços de sombra contínuos foram incentivadas e introduzidas a partir dessas políticas. Árvores perenes, no âmbito do sítio camponês, passam a fazer parte não apenas do conhecimento de manejo vegetal, mas também de manejo da sombra.

A importância da sombra na caatinga é ainda maior nos períodos de estiagem, quando a flora decídua perde suas folhas, dando destaque ao papel às árvores que se mantêm verdes. Essas são escolhidas para entrar no terreiro, postas próximas da casa e das atividades humanas mais íntimas. No cordel *Sertão de Alma Lavada*, de Abdias Campos, a importância da sombra das árvores é ressaltada quando o autor refere que “A sombra do juazeiro / É a mais fresca que há / Mesmo o sol sendo um braseiro / não consegue lhe esquentar”. À sombra é associada uma

árvore, o juazeiro, mas também uma sensação, o frescor, em oposição a uma fonte de luz, o sol.

A recorrência da sombra de aroeiras, cajaranas e algarobas nos sítios analisados indica a importância de seus dosséis densos, contínuos e altos o suficiente para, ao interromperem a luz, projetarem áreas de abrandamento de calor no terreiro, no interior dos quais algumas atividades passam a acontecer. As algarobas são um exemplo interessante. Introduzidas na caatinga entre as décadas de 1940-1960, no Piauí, Ceará e Pernambuco, além de Rio Grande do Norte e Paraíba, no intuito de “salvar o Nordeste da seca” (VILLA, 2001; GOMES; BARBOSA, 2008), dão sombra contínua o ano todo com suas folhas perenes. Elas constroem, assim, espaços que são pausa no calor e no sol, tanto para humanos como para não humanos. Suas favas são frequente alimento para caprinos, além de poderem ser aproveitadas como madeira, carvão, farinha, tanino, tintura, mel e licor (GORGATTI NETTO, 1987; GONÇALVES, 2011).

Sua dispersão é dialógica aos modos de vida do semiárido, como o pastoreio e a pecuária, já que caprinos, além de mueres e bovinos, são capazes de digerir suas vagens e disseminar suas sementes pelas fezes (RIBASKI; DRUMOND; OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2009). Cabras e bodes descansando ou pastando sobre a sombra das algarobas é cenário regional recorrente, inclusive no interior dos terreiros.

De fato, por um lado, a dispersão das algarobas nas florestas secas acompanha práticas humanas na conformação de uma paisagem socioecológica. Por outro, o conforto térmico de galinhas e caprinos, animais que em geral estão junto do terreiro, é fundamental ao papel da criação como atividade de reserva de valor no sítio camponês. A *miunça* é garantia contra os efeitos da seca, mais resistentes que a lavoura e uma forma de poupança, ajudando a lavoura pelo estrume utilizado como adubo (WOORTMANN, 1995). A radiação solar e as altas temperaturas são causas de estresse térmico a esses animais cujo bem-estar, e, logo, o ganho produtivo, é diretamente proporcional à existência de área de sombra (FERREIRA; MACHADO; HOETZEL; LABARRÈRE, 2011; TORQUATO; SÁ FILHO; SOUZA JR.; DOMINGOS; COSTA; DANTAS; 2012).

Há, portanto, uma importante relação entre sombra e bem-estar. A sensação de alívio de estar sob a sombra é intensa no calor do semiárido, contraste que se intensifica frente a um terreiro que é limpo de vegetação, varrido, compactado e exposto ao sol. Daí também o posicionamento da sombra de modo que incida sobre o chão, associando-se a outras materialidades (mesas, bancos), evitando-se sua sobreposição com superfícies impróprias a certas práticas (deitar-se). Reunir-se à sombra remete ao acolhimento e à sensação de conforto (incluindo o térmico, pela diminuição do aquecimento do ar e das superfícies) do interior da própria casa. A sombra da árvore é, assim, um posto avançado do aconchego do lar projetado no terreiro.

Receber à sombra protege a casa de ter em seu interior um visitante desconhecido, que entra no terreiro, mas não no interior da casa, ligando sombra e hospitalidade. Jacques Derrida (DERRIDA; DUFOURMANTELLE, 2003) descreveu esta associação como ambígua, já que a hospitalidade se pauta por uma hostilidade acolhedora ao desconhecido. Desse modo, à sombra da árvore são destinadas algumas sociabilidades que à sombra do interior da casa nem sempre o são. Essa experiência é central ao sítio camponês, uma vez que a posição central da casa acompanha a posição central da árvore e, portanto, da sombra no terreiro. Todos os outros elementos da unidade doméstica, e do sítio em sua estrutura nuclear, circundam a sombra (e a casa) e orientam-se a partir dela.

Xilogravuras sobre o semiárido também ilustram o papel da sombra na materialização da paisagem doméstica e na ordenação dos elementos do sítio. Em *O homem que brigava com o sol e jogava pedra na lua*, de Severino Borges (Figura 4), percebe-se o jogo de sombras expresso na relação claro-escuro representada pelo dualismo entre noite e temperatura amena, ambiência na qual está a casa rodeada por árvores, mais altas que ela. A isso opõe-se à luz do sol esturricante, cenário onde está o mandacaru desacompanhado de qualquer representação de casa e, portanto, de moradia. Desse modo, à temperatura amena, à vida representada pela sombra onde está a casa, contrapõe-se o sol, o calor, a seca. Tem-se, assim, um mosaico formado pela relação árvore/dentro/humano/sombra de um lado e, de outro, cacto/fora/não humano/luz.

Figura 2 - O Homem que brigava com o sol e jogava pedra na lua, xilogravura de Severino Borges



Fonte: Bode (2004)

A manutenção dessa espacialização perpetua uma ordem social no tempo (LEONE, 1984), na qual a sombra está ligada ao humano e às atividades humanas. Ao mesmo tempo, a mobilidade da sombra é, ela mesma, um marcador de tempo e, assim, de um lugar que é relativamente móvel na medida em que a sombra estará em diferentes posições, dentro de possibilidades finitas que tem a ver com a movimentação do sol como fonte maior de luz e, assim, do passar do tempo. Isso torna a sombra tempo e espaço, concomitantemente.

Sua profundidade temporal não é apenas cíclica, indicando prospectos de reprodução social futura (WOORTMANN, 2009), como vertical, já que o lugar da sombra reúne memórias, sujeitos, percepções, sensações e experiências presentificadas por sua própria presença (COSTA, 2012). Luiz Gonzaga em *Umbuzeiro da saudade* (1978), associa umbuzeiro e saudade, lembrando encontros amorosos sob a sombra, sentando em “folhas caídas” sob “galhas ressequidas”.

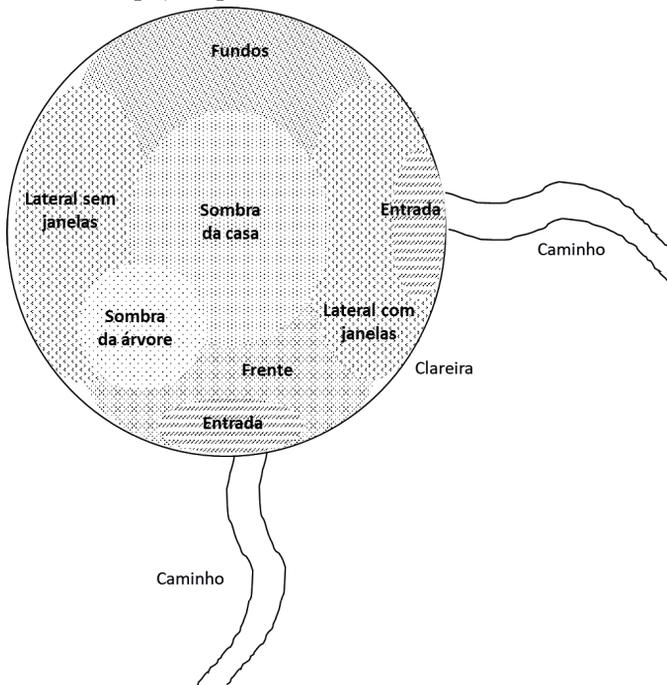
No centro do terreiro, sombra, casa e árvore estão dispostas em uma espécie de panóptico, permitindo a observação do ao redor a partir de um ponto central. A centralidade da sombra no terreiro aponta às possibilidades de observar as relações de sociabilidade que podem ali ocorrer, como as conversas (MIRANDA, 2008). Muitas vezes, a árvore, a única árvore com sua única sombra, não só estimula como orienta o uso do único espaço coberto fora da casa, para interação e socialização. Nesse universo, o terreiro é foco de socialização, mas não sem as sombras e os demais elementos que orientam e ordenam os modos como os espaços serão utilizados para essa ou aquela ação.

Em *O pau da mentira*, cordel de Edivaldo de Lima, a figueira “de folhagem brilhante / com mais de vinte metros, sombra a todo instante [...]. / É lá que se reúnem / alguns desocupados. / Outros estão de folga, / também lá são encontrados / Onde os verdadeiros causos, / pois lá, são comentados”. Apesar de móvel de acordo com a direção da incidência de luz, a “sombra a todo instante” propicia o reunir-se e o conversar nela, junto à árvore, no terreiro. E é no conversar que se estabelecem os laços que solidificam as redes e a coletividade. Nas unidades domésticas analisadas era comum a recorrência de bancos de pedra ou madeira, de amoladores fixos ou brinquedos sobre sombras, sugerindo seu papel no desenrolar de certas práticas como conversar, comer, brincar, descansar e reparar ferramentas.

Interessa perceber que sombra e áreas de descarte nunca se sobrepueram. Neste sentido, a sombra, assim como os fundos, a frente, os contatos entre caminhos e terreiro, as laterais relacionadas a paredes com janela ou sem (para onde, portanto, não se é possível olhar de dentro de casa) e a sombra projetada pela própria casa a partir dos beirais dos telhados e das paredes, são subdivisões materiais do espaço do terreiro cujos limites não são necessariamente físicos (Figura 5). Diferente, todavia, da frente ou das laterais, as sombras das paredes e da árvore

conformam lugares móveis, que mudam ao longo do dia e ao longo do ano, de modo cíclico e, portanto, sabido e esperado. Daí a recorrência da árvore próxima da quina da casa: a escolha de manejar a sombra de modo que caia sobre a casa, mas também sobre o terreiro, permite o compartilhar dos benefícios da sombra entre casa e terreiro, entre espaço construído e não construído, conectando árvore e casa como lugares atrativos à sociabilidade, protegidos e agradáveis.

Figura 3 - Novos espaços a partir da sombra no terreiro da unidade doméstica



Fonte: Imagem do autor

Finalmente, à sombra no terreiro convergem algumas narrativas fantásticas. São comuns referências a aparições, sepultamentos e outras histórias, em especial quando as casas estão arruinadas ou abandonadas como moradia. No entanto, algumas sombras assombram mais do que outras, como a sombra do juazeiro (PIRES, 2009; OLIVEIRA, 2014). A sombra do umbuzeiro igualmente carrega muitas histórias, desde curas divinas até mortes de amantes fugidos. Euclides da Cunha (2011, p. 168) chamou de “fitolatria” a veneração e a referência a histórias a partir das sombras de árvores onde Antônio Conselheiro havia descansado, ativamente os poderes de cura da sombra/árvore.

No sítio camponês, a sombra influencia sobremaneira o convívio e a transformação do ambiente em lugar, incluindo o não humano e o sobrenatural. Mais que as árvores, a materialidade ausente da sombra pesa na configuração do espaço e, com ele, de práticas e narrativas (MILLER, 1991). Por esse ângulo, as representações modernas negativas sobre a sombra em discursos que valorizam o claro e o excesso de luz não podem ser sobrepostas a lógicas nas quais ter e estar na sombra são fundamentais à conformação do morar e do familiar e, logo, às práticas mais íntimas que conformam maneiras de ser e estar no mundo a partir da casa.

## A ÁGUA NO SERTÃO

Para Gilberto Freyre (2004), pensar o semiárido sem pensar o íntimo embricamento entre humano e terra é não compreender o rural na caatinga em seu ponto nevrálgico: a relação com a água, mesmo que seja com a falta dela. Discursos sobre o sertão semiárido comumente incidem sobre a seca em detrimento da água e raramente ressaltam saberes locais de vivências com a ausência de água ou com a presença de seca. Sabe-se, é claro, que a fome e os inúmeros problemas decorrentes da seca são fruto de estruturas agrária e políticas desiguais mais do que dos aspectos ecossistêmicos das caatingas e do semiárido (CASTRO, 1983). É o que, nos anos de 1960, foi chamado de “indústria da seca” por Antônio Callado, designando estratégia de políticos que se aproveitavam da distribuição irregular dos recursos hídricos para promover a fome e agravar os efeitos da seca em ganho próprio (MARTINELLI, 2006).

A ausência da água e a presença da seca constroem práticas, materialidades e narrativas regionais específicas. As noções de inverno e verão, por exemplo, estão ligadas mais à ausência de chuvas e ao aumento da temperatura do que à sua definição astronômica estandar. O conjunto de fatores hidroclimáticos que induz à *secura* prolongada e, assim, à intermitência sazonal dos cursos d’água levou as pessoas a chamarem esse período de *verão* (AB’SABER, 2006). Dessa maneira, o inverno astronômico, quando ocorrem condições quentes e secas, é chamado de *verão*, enquanto o verão astronômico, com chuvas, é referido como *inverno*. A conotação positiva do inverno e negativa do verão assemelha-se à oposição sombra e luz da modernidade: ela prescinde de contexto e não é inexorável.

Ausência da presença de água é fundamental às feições da paisagem regional analisada, em especial em sua relação com o morar, cujo centro é a casa e o terreiro, mas que a transborda e não tem sentido sem os demais elementos que compõem o sítio camponês e o espaço entre os sítios. Impossível pensar manejo hídrico sem entender sua relação com práticas que alteram a topografia da superfície do terreno e que permitem, muitas vezes, levar a água para onde se quer, dando a ela a forma dos materiais com os quais interage. Inverte-se, assim, a lógica geológica da água abrindo caminhos para ressaltar a interação água-humano por sua ausência. Afinal, a maior parte da materialidade que cerca a água é construída antes de sua chegada, no seco. Para ter água é preciso, primeiro, o engajamento com a ausência de água.

Os lugares de moradia analisados aqui são também compostos por todo um sistema de captação de água, que tem diálogo com o armazenar e o mover-se pela ausência (o “buscar” ou “pegar água”). Por isso é importante explorar aspectos do manejo tanto da água como da seca no sentido de práticas de provisionamento, interrupção, continuidade e redirecionamento do movimento da água como centrais ao produzir, criar e alimentar no sítio camponês (SCARBOROUGH, 1991; GALI-

ZONI; RIBEIRO, 2013). Além disso, vale ressaltar que a performance desse sistema tem a ver com suas possibilidades de estar na sombra, para que a água evapore menos e para que se mantenha relativamente fresca, isto é, com temperatura agradável ao paladar e ao toque, além de protegida (WOORTMANN, 2009).

Muitas das unidades domésticas estão situadas próximas de pequenas drenagens secas (intermitentes) ou em regiões cujos corpos d'água induzem o afloramento de água, os quais materializam-se como *cacimbas*, *caldeirões* e *olhos d'água*, de usufruto comum (GODÓI, 1999). Estas feições fazem parte de um “sistema de objetos” (DESJEUX, 2011), um grupo de coisas que acontecem juntas e que, nesse caso, dialoga com a ausência da água, abrindo possibilidades para mantê-las próximas e dentro da unidade doméstica.

No caminhar de dentro para fora da casa, a produção e consumo de grandes potes em cerâmica local/regional ainda representa a maioria dos materiais do cotidiano das casas. Mas, ao longo do tempo, as formas cerâmicas predominantes no universo doméstico passaram a ser aquelas relacionadas aos recipientes com grande volumetria e função de armazenamento, usados para guardar água. *Potes*, *jarras* e *quartinhas* são seus nomes mais comuns. *Potes* e *jarras* com frequência foram encontrados fora da casa, alinhados aos beirais dos telhados para captação de água por gotejamento em épocas de chuva; no interior da casa, estão nas cozinhas, aos fundos, próximos às *quartinhas* que igualmente recorrem no interior dos quartos (onde não há *potes* nem *jarras*).

As *jarras*, com volumetria intermediária entre os *potes* e as *quartinhas*, são bastante móveis, acompanhando as mulheres às fontes de água, gradativamente substituídas por grandes latas de metal, fulcrais na possibilidade de tornar a água presente no espaço doméstico, no qual ela está *a priori* ausente. Este caminho é realizado pela cerâmica como veículo e, portanto, como vínculo da relação humano-água. Nesse caso, *potes*, *jarras* e *quartinhas* têm função de reter água não apenas no sentido funcional ligado à finalidade prática desses objetos, mas, como entendeu Jean Baudrillard (2008), também em sua capacidade de fazer parte de um jogo de relações.

Manejar a seca para ter água em casa é possibilitado pelos recipientes cerâmicos, pesados e utilizados na esfera doméstica e no provisionamento. Apesar da praticidade das *jarras* frente aos *potes* e *quartinhas*, estas são formas quase que imóveis, de onde a água é retirada por recipientes menores de metal, plástico, madeira ou vidro na forma de copos e canecas. Para carregar água consigo não há necessidade de cerâmicas. Nesse caso, as *cabaças* ganham cena, utilizadas como pequenas garrafas, dependuradas à lateral do corpo e que permitem levar e conservar água quando se está em movimento. À mobilidade da *cabaça*, sua leveza e sua móvel rapidez, contrapõe-se a imobilidade da cerâmica, em seu peso e vagareza. Atualmente, muitas lojas em núcleos urbanos locais e

regionais comercializam *cabaças* com terminação de gargalo de garrafa PET como tampa, inovações envolvendo materiais orgânicos tradicionais associados a outros modernos, artificiais e sintéticos. O plástico, ali, entrou apenas para facilitar a retirada do líquido para fora, para a boca.

O vínculo do barro com a água dá-se no âmbito das práticas de mobilidade entre pessoas e fontes para que entre no âmbito doméstico. Cerâmicas, *cabaças* e baldes (plásticos e metálicos) facilitam mobilidades logísticas (BINFORD, 1980; POLITIS, 1996) construindo paisagens nas quais se a ausência de água está por todos os lados, sua presença é localizada, mapeada por saberes acumulados. No escopo dessas fontes, três elementos são bastante importantes às práticas espaciais e ao sistema de objetos que as acompanham: *caldeirões*, *cacimbas* e *olhos d'água*.

*Caldeirões*, cavernas naturais em rochas cristalinas que formam reservatórios de água da chuva, e o conhecimento sobre eles, têm relação não apenas com a própria água, mas com conhecer a fauna para a caça, uma vez que a água dos *caldeirões* atrai animais que são fonte de alimento (*peba*, *mocó*), local especial para tocaias e armadilhas. Similares aos *caldeirões*, os *olhos d'água*, minas próximas de nascentes, afloram água que forma pequenos lagos permanentes usados por humanos e não humanos. A importância dos *olhos d'água* é enorme também pela fertilidade do solo a seu redor. O fato de serem suportes rochosos caracteriza essas fontes de água como algo duradouro, assegurando sua presença material tangível tanto no tempo social como no mineral (VIALOU, 2000) mesmo quando secas.

À rocha de *olhos d'água* e *caldeirões* opõem-se a plasticidade dos solos das *cacimbas*, cavidades escavadas (por pessoas), podendo estar em leitos de rios secos, onde mina água, acumulando água de chuva ou acessando lençóis freáticos. Elas são estabelecidas com base no conhecimento em torno da ausência de água e de como localizá-la, servindo a humanos e não humanos, especialmente aos animais domésticos (cabras, gado). Enquanto a água dos *caldeirões* remete aos animais selvagens, ao fora do sítio camponês e do espaço domesticado, a *cacimba* relaciona-se ao doméstico e conhecido. Natural, o *caldeirão* alimenta o selvagem e é apropriado pelo humano, enquanto, antrópica, a *cacimba* é pura ação humana com impacto duradouro na paisagem, associada ao binômio casa-terreiro.

Enquanto feições topográficas, elas têm impacto importante na medida em que após a casa ser abandonada enquanto moradia, as *cacimbas* tornam-se bolsões de vegetação mais densa, pois a alteração da superfície do solo auxilia no acúmulo de material orgânico de folhas e galhos que ficam presos ali, convergindo com o escoamento da água superficial. Durando menos que seus correlatos rochosos, mas ainda assim de vida longa, as *cacimbas* atravessam gerações e tornam-se importantes marcadores na paisagem. Não é incomum que *cacimbas* se relacionem a cartografias locais reverberando o mapeamento de fontes de água. Mui-

tas delas ganham nomes próprios, específicos e individualizados, indicando seu papel na manutenção das casas em determinados espaços e seu sentido familiar. Em Custódia, no Pernambuco, o *jiquiri* é a cacimba onde “nunca acaba a água” (HATTORI, 2015).

Por fim, dentro desse sistema orientado à ausência de água, séries de barragens construídas como alinhamento de blocos de rocha perpendiculares ao leito de drenagens intermitentes, de pouco comprimento, levam ao acúmulo de água no *inverno*. Estas barragens espalham-se pela paisagem, discretas, difíceis de mapear e datar. Camuflam-se no ambiente rochoso, ressonando o imemorial, com impacto longo e efetivo. Retendo água, forçam o transbordo que cria superfícies encharcadas e espelhos d’água de uso comum. E mais de uma vez, no conjunto seco dessas barragens, apareceram sacis, como são entendidos os redemoinhos de vento, rodopiando, girando, levantando folhas e chapéus.

De fato, a ausência de água dá origem a inúmeras narrativas fantásticas e sobrenaturais. Ela explica o porquê da arca de Noé estar no alto de um morro na região de Quixeramobim, Ceará, e ainda justifica a escolha de determinados lugares para morar pautados por profecias do Padre Cícero sobre *olhos d’água* “bons para viver”. Mas também se relaciona à necessidade de migração e à morte. Afastar-se do espaço doméstico, o espaço da vida, e deslocar-se rumo ao desconhecido, é correr riscos, já que por antítese os lugares longe das fontes de água, próximas ou nas unidades domésticas, seriam “ruins para viver” ou “bons para morrer”.

Muito da água acumulada no pediplano de morros cearenses está associada a histórias de vindas e idas durante secas. A ausência da água funde tempo e espaço e, como a sombra, presentifica pela constância de narrativas que são individuais, mas coletivas. Também dão profundidade junto da sensação de durabilidade dos suportes cheios de ausência de água, como as drenagens perenes, as feições rochosas, as cerâmicas e as *cacimbas*.

O conhecimento sobre a água e o manejo da seca nessa porção do semiárido, incluindo um sistema que conta com *cabaças* e copos até *caldeirões*, *cacimbas* e pequenas barragens de pedra, navega entre o individual, o familiar e o coletivo. Esse sistema é a materialização do saber sobre o morar, necessário e acumulado na forma de engajamento com a paisagem, como na visão de Tim Ingold (2004), confluindo mobilidade, locais de plantio, roçados e áreas de caça. A ausência da água é tão ou mais importante ao sítio camponês que sua presença.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dinâmicas materiais que conformam as unidades domésticas dos sítios camponeses analisados expressam a reelaboração de práticas locais mantidas ao longo do século XX e que possibilitam a reprodução de um modo de vida pautado por lógicas socioecológicas distintas daquelas urbano-industriais. Sombra e água arquitetam a paisagem doméstica

do semiárido, dando existência e forma a éticas que lidam com suas materialidades ausentes de jeitos específicos.

No caso das sombras em sua relação com as árvores, ganham significado na manutenção cotidiana do próprio desenho do lugar da morada, dialógicas a práticas de socialização, do engajamento com o ambiente no saber sobre espécies com folhas temporárias ou permanentes e da ordenação socioespacial que dá sentido à casa e ao terreiro como espaços acolhedores. Ali, a sombra traz conforto e é atrativa, construindo espaços importantes ao desenrolar de práticas de sociabilidade, hospitalidade e do cuidado de si (VERGÉS, 2007). No caso da água, sua ausência conecta a unidade doméstica aos demais elementos do sítio camponês, os sítios entre si e à paisagem. Sua plasticidade, energia e mapeamento dá origem a todo um sistema material que se conecta, fluido como a água, para manejar sua falta e torná-la presente na escala individual, familiar e coletiva comuns.

No semiárido das caatingas, sombra e água se movem. A primeira de acordo com a direção da luz do sol e o posicionamento da árvore que a intercepta e da casa que dita o local das árvores. A segunda, de acordo com sua fluidez que, mesmo sem extravasar leitos secos, varia com as interceptações físicas que lhe dão volume, enquanto chuva ou rio e na forma de *potes* e *cacimbas* da qual evaporará ou onde será coletada. Sombra e água também se sobrepõem, associadas à conservação da última pela primeira. Quando sombreada por *potes* ou mesmo por árvores, a água tem sua potabilidade melhorada pelo frescor a partir do controle de sua temperatura, somando-se à sua interação com os materiais que lhe dão volume, a cerâmica melhor que o plástico ou o metal.

O século XX no semiárido assistiu à reafirmação da dicotomia humano-ambiente pelo poder público, que assumiu que os problemas sociais regionais eram decorrentes de uma natureza hostil à qual seria necessário declarar guerra. Intervenções baseadas na crença do “combate à seca” ao invés da “convivência com o semiárido” (SILVA, 2003) tornaram-se rupturas materiais opondo ontologias de paisagem ao ignorarem engajamentos humanos/não humanos e seu papel na reprodução social dessas pessoas e de seus modos de morar em nível regional. Manejar sombra e água em seus entendimentos materiais são, assim, nortes fundamentais à existência do sítio camponês e de políticas para os biomas marcados pela irregularidade hídrica que superem marcos ideológicos baseados no crescimento econômico (O’NEILL; BOYER, 2020).

Se a água é pensada, como o é para esta parte do semiárido, por sua ausência, o conteúdo e a forma de sua materialidade ausente têm relevância no estabelecimento da unidade doméstica como um lugar significativo que agrega materiais ausentes, narrativas e ambiente. Já a sombra, com presença que é ausência, não deve ser ignorada na estruturação desse lugar, pois cria espaços de acolhimento e alívio do calor onde muito da vida cotidiana acontece, inclusive a dos não humanos. A

partir dela, outras materialidades são orientadas na construção da casa. Ruindo noções de paisagem natural, sombra e água permitem pensar o impensado no âmbito dos estudos arqueológicos sobre o cotidiano do sítio camponês em sua dimensão material, mesmo aquela da ausência.

## NOTAS

1. Os locais escavados fizeram parte do “Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico”, a cargo da empresa de consultoria Zanettini Arqueologia, como parte do licenciamento arqueológico para implantação da Ferrovia Transnordestina. As unidades domésticas analisadas localizam-se nas áreas rurais dos municípios de Missão Velha, Lavras da Mangabeira, Acopiara, Quixeramobim, Cedro, Iguatú, Quixadá, Itapiúna, Senador Pompeu, Piquet Carneiro, Aurora e Redenção, no Ceará; Salgueiro, Serra Talhada, Verdejante, Sertânia, Flores, Cachoeirinha, São José do Belmonte e Custódia, no Pernambuco; e Bela Vista do Piauí, Paulistana, São Miguel do Fidalgo, Paes Landim, Curral Novo do Piauí, Flores do Piauí, Rio Grande do Piauí, Simplício Mendes e Pavussú, no Piauí (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2014).
2. Em botânica, plantas xerófitas são aquelas que desenvolveram estruturas especiais para sobreviver a meios semiáridos, áridos e hiperáridos, reduzindo superfícies que podem acarretar na perda de água com o desenvolvimento de folhas modificadas e diminutas (microfilia) e espinhos.
3. O dossel, ou copa, é a sobreposição dos galhos e folhas das árvores.
4. Em botânica, decíduas são plantas que perdem as folhas em alguma estação do ano.

## REFERÊNCIAS

- ABATH, André J. Nada vendo no escuro, nada ouvindo no silêncio. *Dois pontos*, v. 9, n. 2, p. 11-31, 2012.
- AB’SABER, Aziz. A transposição de águas do São Francisco: análise crítica. *Revista USP*, n. 70, p. 6-13, 2006.
- ADAMS, William H. Dating historical sites: the importance of understanding time lag in acquisition, curation, use, and disposal of artifacts. *Historical Archaeology*, v. 37, n. 2, p. 38-64, 2003.
- ALBUQUERQUE, Ulysses P.; ANDRADE, Laise H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. *Acta botânica brasileira*, v. 16, n. 3, p. 273-285, 2002.
- ALBUQUERQUE, Ulysses P.; ANDRADE, Laise H. C.; CABALLERO, Javier. Structure and floristics of home gardens in Northeastern Brazil. *Journal of Arid Environments*, v. 62, p. 491-506, 2005.
- ALIER, Joan M. *O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração*. São Paulo: Contexto, 2011.
- AMARAL, Daniela M. *Loiceiras, potes e sertões: um estudo etnoarqueológico de comunidades ceramistas no agreste central pernambucano*. Tese. (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

- ANSCHUETZ, Kurt; WILSHUSEN, Richard H.; SHEICK, Cherie L. An archaeology of landscape: perspectives and directions. *Journal of Archaeological Research*, v. 9, n. 2, p. 157-194, 2001.
- AURINO, Ana Nery B. *Avaliação dos impactos da extração de lenha sobre a diversidade vegetal no município de Tenório, Seridó oriental paraibano: uma perspectiva biológica e social*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.
- BAGWELL, Margaret. After the storm, destruction and reconstruction: the potential for an archaeology of hurricane Katrina. *Archaeologies*, v. 5, p. 280-292, 2009.
- BARCELÓ, Miquel. El diseño de espacios irrigados en al-Andalus: un enunciado de principios generales. In: I COLÓQUIO DE HISTORIA Y MEDIO FÍSICO, Almería, Espanha, 1989. *Anais...* Almería: 1989.
- BARKER, Graeme; GILBERTSON, David. Introduction. In: BARKER, Graeme; GILBERTSON, David (org.). *The archaeology of drylands: living at the margins*. Londres: Routledge, 2000.
- BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BEAUDRY, Mary C. Doing the Household: new approaches to the Archaeology of Households. In: BARILE, Kerri S.; BRANDON, Jamie C. (org.). *Household chores and household choices: theorizing the domestic sphere in Historical Archaeology*. Alabama: Alabama University Press, 2004.
- BERLIN, Brent. The chicken and the egghead revisited: further evidence for the intellectualist bases of ethnobiological classification. In: POSEY, David A.; OVERAL, William L. (org.). *Ethnobiology: implications and applications*. Proceedings of the First International Congress of Ethnobiology, v. 1. Belém: Museo Emilio Goeldi, 1990.
- BILLIE, Mikkel; HASTRUP, Frida; SOERENSEN, Tim F. (org.). *An anthropology of absence: materializations of transcendence and loss*. Berlin: Springer, 2010.
- BILLIE, Mikkel. Seeking providence through things: the word of God versus black cummin. In: BILLIE, Mikkel; HASTRUP, Frida; SOERENSEN, Tim F. (org.). *An anthropology of absence: materializations of transcendence and loss*. Berlin: Springer, 2010.
- BINFORD, Lewis. Willow smoke and dogs' tails: hunter-gatherer settlement systems and archaeological site formation. *American Antiquity*, v. 45, n. 1, p. 4-20, 1980.
- BODE, J. *O homem que brigava com o sol e jogava pedra na lua*. Olinda: Araripe, 2004.
- BUCHLI Victor; LUCAS, Gavin. Presencing absence. In: BUCHLI, Victor; LUCAS, Gavin (org.). *Archaeologies of the contemporary past*. London: Routledge, 2001.
- CAMPO, Abdias. *O Sertão de alma lavada*. [s.c.]: [s.e.], [s.d.].
- CASTRO, Josué. *Geografia da fome*. Rio de Janeiro: Antares, 1983.

- CHILDE, Vere Gordon. *Man makes himself*. London: Collins, 1966 [1936].
- CIVANTOS, José María M. The archaeology of irrigated spaces in southeast Spain during the medieval period. *Ruralia*, v. VIII, p. 11-29, 2009.
- COSTA, Sara A. P. D. *Desenhos de luz e tempo*. Dissertação (Mestrado em Desenho) – Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2012.
- CRIADO-BOADO, Felipe. Introduction: combining different dimensions of cultural space: is a total archaeology of landscape possible? In: CRIADO-BOADO, Felipe; PARCERO, Céasar (org.). *Landscape, archaeology, heritage*. Santiago de Compostela: University of Santiago de Compostela, 1997.
- CUNHA, Euclides. *Os sertões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- DERRIDA, Jacques; DUFOURMANTELLE, Anne. *Da hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.
- DESJEUX, Dominique. *O consumo: abordagens em ciências sociais*. Maracó: UFAL, 2011.
- DOMANSKA, Ewa. The material presence of the past. *History and Theory*, v. 45, p. 337-348, 2006.
- EDGEWORTH, Matt. *Fluid pasts: archaeology of flow*. Bristol: Bristol Classical Press, 2011.
- EDGEWORTH, Matt. On the agency of rivers. *Archaeological Dialogues*, v. 21, n. 2, p. 157-159, 2014.
- FERREIRA, Luiz Carlos B; MACHADO FILHO, Luiz Carlos P; HOETZEL, Maria José; LABARRÈRE, Juliana G. O efeito de diferentes disponibilidades de sombreamento na dispersão das fezes dos bovinos nas pastagens. *Revista Brasileira de Agroecologia*, v. 6, n. 1, p. 137-146, 2011.
- FOWLES, Severin. People without things. In: BILLIE, Mikkel; HASTRUP, Frida; SOERENSEN, Tim F. (org.). *An anthropology of absence: materializations of transcendence and loss*. Berlin: Springer, 2010.
- FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. São Paulo: Global, 2014.
- FUKUSIMA, Sérgio S. Sombras como indicadores da percepção de profundidade. *Psicologia Reflexão e Crítica*, v. 10, n. 2, p. 289-300, 1997.
- FULLER, Dorian Q.; QIN, Ling. Water management and labour in the origins and dispersal of Asian rice. *World Archaeology*, v. 41, p. 88-111, 2009.
- GALIZONI, Flávia Maria; RIBEIRO, Eduardo M. Água, terra e família; uma etnografia dos recursos hídricos nas comunidades camponesas da Mantiqueira mineira. *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*, v. 20, n. 2, p. 68-93, 2013.
- GIOVANNONI, Elena; QUATTRONE, Paolo. The materiality of absence: organizing and the case of the incomplete cathedral. *Organization Studies*, v. 39, n. 7, p. 849-871, 2018.
- GLEASON, Kathryn L. To bound and to cultivate: an introduction to the archaeology of gardens and fields. In: MILLER, Naomi F.; GLEASON, Kathryn L. (org.). *The archaeology of garden and field*. Pennsylvania: University Pennsylvania Press, 1994.

- GODÓI, Emília Pietrafesa. *O trabalho da memória: cotidiano e história no sertão do Piauí*. Campinas: Unicamp, 1999.
- GOMES, Ramonildes; BARBOSA, Araceles G. A ecologia política da algaroba: uma análise das relações de poder e mudança ambiental no Cariri Ocidental - PB. 26ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. *Anais...* Porto Seguro: ABA, 2008.
- GONÇALVES JR., Oswaldo. Entre bois e cabras: uma visão histórica sobre mentalidades e valores nos sertões. *Estudos Históricos*, v. 24, n. 47, p. 49-68, 2011.
- GONZAGA, Luís; SILVA, João. Umbuzeiro da Saudade. 1978. Disponível em: <<http://letras.mus.br/luiz-gonzaga/1563402/>>. Acesso em: 18 set. 2020.
- GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. Time do destroy. *Current Anthropology*, v. 49, n. 2, p. 247-279, 2008.
- GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. Supermodernity and archaeology. In: SMITH, Claire (org.). *Encyclopedia of global archaeology*. Nova York: Springer, 2014.
- GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo; HERNANDO, Almudena A. Genealogies of destruction: an archaeology of the contemporary past in the Amazon forest. *Archaeologies*, v. 6, n. 1, p. 5-28, 2010.
- GORGATTI NETTO, Agide. Considerações sobre a algaroba (*Prosopis juliflora* [Sw.] D.C.). *Coletânea Instituto de Tecnologia de Alimentos*, v. 17, n. 1, p. 1-27, 1987.
- HATTORI, Márcia L. *Arqueologia em áreas de conflitos: cemitérios, obras de desenvolvimento e comunidades*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- HECKENBERGER, Michael. Forma do espaço, língua do corpo e história xinguana. In: FRANCHETTO, Bruna (org.). *Alto Xingu: uma sociedade multilíngue*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2011.
- INGOLD, Tim. Two reflections on ecological knowledge. In: SANGA, Glauco; ORTALLI, Gherardo (org.). *Nature knowledge*. New York: Berhahn, 2004.
- INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizonte antropológico*, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.
- LEFEBVRE, Henri. *La presencia y la ausencia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.
- LEONE, Mark. Interpreting ideology in historical archaeology: using the rules of perspective in William Paca Garden in Annapolis, Maryland. In: MILLER, Daniel; TILLEY, Christopher (org.). *Ideology, power and prehistory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- LIMA, Edivaldo de. *O pau da mentira*. [s.c.]: [s.e.], [s.d.].
- LIRA, Bertrand S. *Luz e sombra: uma interpretação de suas significações imaginárias nas imagens do cinema expressionista alemão e*

- do cinema norte-americano. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional, Cultura e Representações) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.
- MAJEWSKI, Teresita; O'BRIEN, Michael. The use and misuse of nineteenth-century English and American ceramics in archaeological analysis. *Advances in archaeological method and theory*, v. 11, p. 97-209, 1987.
- MARTINELLI, Marcos. *Antônio Callado, um sermão à brasileira*. São Paulo: Annablume, 2006.
- MARTINS, Viviane S; MENASCHE, Renata. Trajetórias do lugar de viver em terra de reforma agrária. *Retratos de Assentamentos*, v. 14, n. 1, p. 69-92, 2011.
- MAZZ, José Lopez. The concealment of bodies during the military dictatorship in Uruguay (1973-84). In: ANSETT, Elisabeth; DREYFUS, Jean-Marc (org.). *Human remains and identification: mass violence, genocide, and the "forensic turn"*. Manchester: Manchester University Press, 2015.
- MERLEAU-PONTY, Merleau. O filósofo e sua sombra. In: MERLEAU-PONTY, Merleau. *Os pensadores: textos selecionados*. São Paulo: Abril Cultural, 1989.
- MILLER, Daniel. *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. São Paulo: Zahar, 2005.
- MILLER, William A. Finding the shadow in daily life. In: ZWIEG, Connie; ABRAMS, Jeremiah (org.). *Meeting the shadow: the hidden power of the dark side of human nature*. Los Angeles: Jeremy P. Tarcher, 1991.
- MIRANDA, Maria Elena. Assentamentos como território: forjando a identidade do trabalhador rural assentado. *Cadernos Ceru*, v. 19, n. 1, p. 181-201, 2008.
- MEYER, Morgan. Placing and tracing absence: a material culture of the immaterial. *Journal of material culture*, v. 17, n. 1, p. 103-110, 2012.
- O'NEILL, Brian F.; BOYER, Anne-Lise. Conservação da água em cidades do deserto: desde um conserto socioecológico aos gestos de resistência. *Ambiente e sociedade*, v. 23, p. e00691, 2020.
- OLIVEIRA, Vanessa S. E. *Entre as cruces da estrada: produções e (in) visibilidades da morte no Sertão de Pernambuco*. Recife: O Autor, 2014.
- OWEN, Timothy D. An archaeology of absence (or the archaeology of nothing). *Historic Environment*, v. 27, n. 2, p. 70-83, 2015.
- PELLINI, José Roberto. Arqueologia com sentidos: uma introdução à arqueologia sensorial. *Revista Arqueologia Pública*, v. 9, n. 4, p. 1-12, 2015.
- PÉTURSDÓTTIR, Þ. Concrete matters: ruins of modernity and the things called heritage. *Journal of Social Archaeology*, v. 13, n. 1, p. 31-53, 2013.

- PIRES, Flávia. Quem tem medo de mal-assombro? *Etnográfica*, v. 13, n. 2, p. 291-312, 2009.
- POLITIS, Gustavo. *Nukak: ethnoarchaeology of an Amazonian People*. California: Left Coast Press, 1996.
- PRADO, Darién E. As caatingas da América do Sul. In: LEAL, Inara R.; TABARELLI, Marcelo; SILVA, José Maria C. (org.). *Ecologia e conservação da caatinga*. Recife: UFPE, 2003.
- PRICE, Robyn. Sniffing out the gods: archaeology with the senses. *Journal of Ancient Egyptian Interconnections*, v. 7, p. 137-155, 2018.
- RAMBELLI, Gilson. *Arqueologia até debaixo d'água*. São Paulo: Maranta, 2004.
- REDCLIFT, Michael. Reavaliando o consumo: uma crítica a premissas da gestão ambiental. In: HERCULANO, Selene; PORTO, Marcelo F. S.; FREITAS, Carlos M. (org.). *Qualidade de vida e riscos ambientais*. Niterói: UFF, 2000.
- RIBASKI, Jorge; DRUMOND, Marcos Antonio; OLIVEIRA, Viseldo R.; NASCIMENTO, Clovis Eduardo S.. Algaroba (*Prosopis juliflora*): árvore de uso múltiplo para a região semiárida brasileira. *Comunicado Técnico*, n. 240, p. 1-8, 2009.
- SAHLINS, Marshall. *Sociedades tribais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- SCARBOROUGH, Vernon L. Water management adaptations in non-industrial complex societies: an archaeological perspective. *Archaeological Method and Theory*, v. 3, p. 101-154, 1991.
- SCHAAN, Denise. The nonagricultural chiefdoms of Marajo Island. In: SILVERMAN, Helaine; ISBELL, William (org.). *Handbook of South American Archaeology*. Nova York: Springer, 2008.
- SCHAAN, Denise; SILVA, Wagner F. V. O povo das águas e sua expansão territorial: uma abordagem regional de sociedades pré-coloniais na ilha de Marajó. *Revista de Arqueologia*, v. 17, p. 13-32, 2004.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Sombras e luzes: reprodução técnica, os rastros efêmeros do desaparecimento e o “puro traço” na obra de Regina Silveira. *O eixo e a roda*, v. 20, n. 2, p. 131-156, 2011.
- SEMEDO, Rui J. C. G.; BARBOSA, Reinaldo I. Árvores frutíferas nos quintais urbanos de Boa Vista, Roraima, Amazônia Brasileira. *Acta Amazônica*, v. 37, n. 4, p. 497-504, 2007.
- SILVA, Lucas Antônio. *Os materiais de pesca fluindo: uma arqueologia com os pés na água*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- SILVA, Roberto M. A. Entre dois paradigmas: combate à seca e convivência com o semiárido. *Sociedade e Estado*, v. 18, n. 1/2, p. 361-385, 2003.
- SNEDDON, Andrew. Rose-coloured glasses: The Mountain Street Site, Sydney and its limitations in the search for vanished slum communities. *Australasian Archaeology*, v. 63, p. 1-8, 2006.
- SORENSEN, Roy. *Seeing dark things: the philosophy of shadows*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

- SOUSA, Vítor. A luz, as sombras e a procura da verdade: os média e a construção de uma realidade equívoca e totalizante. *Observatório*, v. 1, n. 1, p. 20-40, 2017.
- STRANG, Veronica. Fluidscapes: water, identity and the senses. *World-views*, v. 10, n. 2, p. 147-154, 2006.
- TORQUATO, Janio L.; SÁ FILHO, Geovan F.; SOUZA JÚNIOR, Joao Batista F.; DOMINGOS, Hérica G. T.; COSTA, Leonardo L. M.; DANTAS, Maiko R. T. Aspectos da utilização de sombreamento em pastagens. *PUBVET*, v. 6, n. 14, p. 1345-1351, 2012.
- TROTТА, Juliana; MESSIAS, Patrícia Aparecida; PIRES, Adriana Helena C.; HAYASHIDA, Carla Tamie; CAMARGO, Crisley; FUTEMMA, Célia. Análise do conhecimento e uso popular de plantas de quintais urbanos no Estado de São Paulo, Brasil. *Revistas de Estudos Ambientais*, v. 14, n. 3, p. 17-34, 2012.
- VERGÉS, Mireia. *Light in architecture*. Nova York: Tectum Publications, 2007.
- VIALOU, Denis. Territoires et cultures préhistoriques: fonction identitaire de l'art rupestre. In: KERN, Arno (org.). *Sociedades ibero-americanas: reflexões e pesquisas recentes*. Porto Alegre: PUCRS, 2000.
- VILLA, Marco Antônio. *Vida e morte no sertão: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Ática, 2001.
- VOGL, Christian R.; VOGL-LUKASSER, Brigitte; PURI, Rajindra. Tools and methods for data collection in Ethnobotanical studies of home gardens. *Field Methods*, v. 16, n. 3, p. 285-306, 2004.
- WALLACH, Efraim. Inference from absence: the case of archaeology. *Palgrave Communications*, v. 5, p. 1-21, 2019.
- WOORTMANN, Ellen F. O Sítio Camponês. *Anuário Antropológico*, v. 81, p. 164-203, 1983.
- WOORTMANN, Ellen F. *Herdeiros, parentes e compadres: colonos do Sul e sitiantes no Nordeste*. São Paulo: Hucitec; Brasília: UNB, 1995.
- WOORTMANN, Ellen F. O saber camponês: práticas ecológicas tradicionais e inovações. In: MENEZES, Marilda Aparecida; GODÓI, Emília Pietrafesa (org.). *Diversidade do campesinato: expressões e categorias 2: estratégias de reprodução social*. São Paulo: UNESP/NEAD, 2009.
- WOORTMANN, Ellen F.; WOORTMANN, Klaas. *O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. Brasília: UNB, 1997.
- ZANETTINI ARQUEOLOGIA. *Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico da Ferrovia Transnordestina Programa de Resgate Arqueológico*. Trechos: Eliseu Martins/PI – Trindade/PE, Porto Suape/PE – Salgueiro/PE e Missão Velha/CE – Porto Pecém/CE. Relatório Final de Resgate, Trecho Eliseu Martins Trindade (PI) – Trindade (PE). São Paulo: Zanettini Arqueologia, 2014.
- ZEDEÑO, Maria Neves. The archaeology of territory and territoriality. In: THOMAS, Julian; DAVID, Bruno (org.). *The handbook of landscape archaeology*. California: Left Coast Press, 2008.

ZEDEÑO, Maria Neves; BOWSER, Brenda J. The archaeology of meaningful places. In: ZEDEÑO, Maria Neves; BOWSER, Brenda J. (org.). *The archaeology of meaningful places*. Salt Lake City: Utah University Press, 2009.

ZHOURI, Andrea; OLIVEIRA, Raquel; LASCHEFSKI, Klemens. A supressão da vazante e a “insegurança administrada” no vale do Jequitinhonha-MG. *Anuário Antropológico*, v. II, p. 23-53, 2011.

SUBMETIDO EM: 18/09/2020

APROVADO EM: 30/09/2021